

# Regional

FALE COM O EDITOR JOEL SOPRANI E-MAIL: regional@redetribuna.com.br

MEMÓRIA

## Ele foi segurança de Getúlio Vargas

**Capixaba de Domingos Martins, Germano Kruger trabalhava no Palácio do Catete e ouviu o tiro que matou o presidente em 1954**

**Julio Huber**  
DOMINGOS MARTINS

Foi apenas um ano de serviços prestados ao Exército brasileiro, mas o suficiente para presenciar fatos que marcaram a história do Brasil. Morador de Birricas, interior de Domingos Martins, o aposentado Germano Arthur Eduardo Kruger, 76 anos, o Germaninho, foi um dos seguranças de Getúlio Vargas, e ouviu o tiro que o matou.

Germaninho, que saiu de Santa Leopoldina para servir o Exército no Rio de Janeiro em 1954, revelou alguns fatos que testemunhou.

Ainda jovem, com 19 anos, Germaninho foi recrutado e, após um

mês de treinamentos, foi escalado para ser um dos seguranças do Palácio do Catete, sede do governo na época.

Contrariando os fatos históricos sobre a morte de Getúlio Vargas, como a declaração dada pelo então ministro da Justiça, Tancredo Neves — que ainda encontrou Getúlio vivo depois dele ter atirado em seu próprio coração, segundo consta nos registros da época — Germaninho relata uma versão sobre o que ocorreu na manhã em que o ex-presidente se matou.

“O presidente chegou ao Palácio



GETÚLIO Vargas cometeu suicídio

por volta das 6h30 e subiu para o seu quarto. Eram cerca de 7h40 quando ouvi o tiro. Imediatamente, o coronel veio até mim e perguntou se eu havia atirado na rua. Falei com ele que o tiro veio de dentro do palácio e pedi para que ele conferisse minha munição”, relatou o aposentado.

Segundo Kruger, o comandante então subiu para ver o que tinha ocorrido e em seguida desceu correndo dizendo que Getúlio Vargas estava morto. “Nesse momento eu subi para ver o que tinha acontecido. Ao ver o corpo dele (Getúlio), nem quis chegar perto e desci imediatamente para meu posto”.

As situações narradas por Germano contrariam o que dizem os registros, como o fato de que Getúlio Vargas não teria saído do Palácio do Catete entre a noite do dia 23 e a manhã do dia 24 de agosto de 1954, dia em que se matou.

Segundo contou Tancredo Neves, na época, em entrevista a uma revista nacional, ele, o general Caiado, Dona Darci, Alzira e Luteiro ainda o encontraram vivo.



GERMANINHO mostra foto da época em que ele serviu o Exército

## Atentado e morte deflagraram crise Comida ruim forçou retorno

A crise política que levou Getúlio Vargas a se matar surgiu após o atentado contra o jornalista Carlos Lacerda, ocorrido na madrugada de 5 de agosto de 1954, na rua Tonelero, em Copacabana, no Rio. Na ocasião, o major Rubens Florentino Vaz, da Força Aérea Brasileira (FAB), foi morto.

Carlos Lacerda, ex-deputado federal, fazia forte oposição a Getúlio e foi ferido com um tiro no pé.

Entretanto, há dúvidas se ele realmente foi atingido, já que os documentos, laudos e exames médicos de Carlos Lacerda, no Hospital Miguel Couto, para onde ele foi levado, sumiram.

Existem várias versões para o crime, que no início foi atribuído ao então presidente Getúlio Vargas como sendo o mandante.

Mas, Gregório Fortunato, chefe



CARLOS LACERDA sofreu atentado

da guarda pessoal de Getúlio, admitiu, anos depois, que foi ele o mandante do atentado.

Com a morte do major, Getúlio foi pressionado a renunciar ou licenciar-se da Presidência. Germaninho contou que no dia que antecedeu a morte de Getúlio, havia pelo menos 25 mil militares ao redor do Palácio do Catete.

Neste dia, conta Germaninho, diversos aviões sobrevoavam o local. O medo dos militares era que, se Getúlio não saísse do palácio, a Aeronáutica dispararia bombas sobre eles. Centenas de militares choravam de medo da morte.

“Os homens do Exército estavam com as armas apontadas para cima, à espera de um comando para disparar contra os aviões. Acho que se Getúlio não tivesse se matado, iria acontecer uma tragédia”.



GERMANINHO no bar da família

Germano Kruger, o Germaninho, preferiu não seguir carreira no Exército. Ele afirmou que não se arrepende de ter deixado o Exército, mas garantiu que guarda a experiência por toda a vida.

O que fez Germaninho voltar para o Estado foi a comida do Exército, que segundo ele era ruim. No feijão, contou, tinha cabelo, insetos e muita areia.

“Depois que voltei, abri um comércio, onde atuei por mais de 35 anos”, contou.

Atualmente, o local se transformou em um bar, administrado pelo filho mais velho dele.

## Ordem de prisão a Carlos Lacerda

Carlos Lacerda, principal opositor de Getúlio Vargas, foi detido por Germano Kruger, o Germaninho, poucos dias antes de seu atentado, conforme ele relata.

Ele diz que Lacerda estava em um jipe, circulando pelas ruas e, ao passar em frente ao Palácio do Catete, Germaninho recebeu a ordem para detê-lo.

“Imediatamente pulei em frente ao jipe, apontei a arma para Lacer-

da e o fiz parar. Nisso, outros homens do Exército vieram e o levaram. O jipe também foi apreendido e levado para o pátio do Catete. Esse fato ficou marcado para mim e lembro nitidamente até hoje como ocorreu. Pouco se falou sobre isso”, contou.

Outro fato que marcou a passagem de Germaninho pelo Exército foi o casamento de um filho e de uma filha do então presidente Var-

gas. Ele participou das festas que ocorreram no Palácio do Catete.

“Como eu era segurança e ficava no portão principal do Catete, participei das festividades. Eu e os colegas comemos e fomos bem servidos durante a festa. Este foi um dos dias que conversei com Getúlio. Ele me perguntou de onde eu era e mais algumas outras coisas. Ele sempre foi muito simpático”, lembra Germaninho.

### ANÁLISE

#### “Releitura que contribui para iluminar o silêncio do período”

Temos que destacar que memória não é História. A primeira caracteriza-se pela seletividade e pelas influências do presente vivido, embora seja considerada uma fonte privilegiada das novas tendências da historiografia.

A segunda é registro, análise documental e interpretação das diversas memórias orais, históricas, literárias e artísticas.

As lembranças de Germano Kruger são importantes. Sugerem imaginar o que foi imaginado: “o clima da época”, os conflitos e a an-

gústia coletiva e individual.

Por outro lado, os documentos e fontes oficiais não apontam para nenhum “passeio” de Vargas fora dos muros do Catete entre a noite de 23 e a madrugada de 24 de agosto de 1954.

Com efeito, o suicídio de Vargas é ainda um acontecimento histórico que suscita polêmicas, interpretações e inconclusões, e, nesse sentido, o depoimento de Germano Kruger é importante porque inscreve-se em uma releitura e contribui para iluminar o silêncio do período.

**Carlos Vinícius Costa de Mendonça,**  
professor doutor do  
Depto. de História da Ufes